

A exposição "Afluentes" de Cláudia Amandi.

Os processos do desenho como prática artística foram colocados muitas vezes numa posição inicial em relação às outras artes por várias razões de natureza projetual e de concepção, enquanto momento de primeiro estudo e pensamento sobre a obra posterior. Mas, para além dessa ação preventiva e exploratória em relação a um futuro objeto, o desenho preserva qualidades fundamentais que lhe garantem essa orientação de base e alicerce. Nesse contexto, refira-se a sua vocação material e temporal onde meios simples e instrumentos básicos são aplicados sobre uma superfície que não irá ser escondida ou elaborada por camadas sucessivas, tal como acontece com a pintura. Também as estruturas da imagem são preservadas e sensíveis deixando o processo em aberto à consulta pública. Na sua transparência e imediatismo a arte do desenho deixa supor alguns hábitos ou fórmulas convencionais que se tornam familiares: o gesto, a correção, o ensaio, o inconcluso, a clareza. Normalmente, o branco de luz da imagem é o branco original do suporte.

Com experiência e formação em Escultura, Cláudia Amandi tem vindo a desenvolver um trabalho regular e aprofundado do desenho, explorando alguns conceitos de trabalho que suscitam a criação de novas possibilidades dentro de um âmbito de repetição e serialidade. Ou seja, a adoção de certas premissas técnicas e materiais permite variantes que vão ramificando em resultados aparentemente diferentes, mas que partilham uma genealogia comum na exploração de processos seriais e repetitivos.

No seu trabalho é comum o uso de módulos que se vão acumulando até formar uma superfície extensa que desafia o campo visual do observador. As imagens são formadas por marcas gráficas repetidas e variadas segundo padrões em mutação. A relação entre suportes e a montagem de desenhos é associada a processos inventados onde um desenho é a máscara do outro, ou onde os furos de uma folha

deixam passar a tinta para a folha de baixo. Os gestos, ora monótonos e minimais, ora complexos e variados, encontram afinidade e parentesco em configurações de processos naturais, por vezes fora da nossa escala de observação. Mas na maioria dos casos esses padrões estão nas largas margens periféricas da nossa percepção. O leitor poderia descrever o movimento de um cardume sob as cintilações de luz da água à superfície, ou gotas da chuva a escorrer nos vidros? Sempre que se observam esses fenómenos comuns, o efeito é familiar, mas os seus limites são evasivos e fugazes.

As séries de trabalhos presentes nesta exposição são resultado de observações e contemplação nas margens de um rio, ao longo de vários anos. A atenção fixada em reflexos e sombras ou ondulações na água foi parte de um parágrafo de fenómenos comuns no ambiente. A escala dos desenhos confere a essas observações uma dimensão monumental e emblemática. Esses desenhos procuram também um diálogo com outros autores, como por exemplo Ellsworth Kelly ou Leonardo da Vinci, mostrando como a memória de imagens também instrui a observação. A cultura visual do desenho oferece uma superfície de mediação entre a percepção e os fenómenos ou configurações naturais. Essa superfície poderá ser interpretada a partir de diversos conceitos operativos. A 'construção' enquanto ideia de montagem do desenho a partir de diferentes suportes, módulos e materiais. A 'repetição' como forma de criação do desenho a partir de múltiplas marcas idênticas e conjuntos semelhantes. A 'escrita' como modelo de espaço marcado pela regularidade e pela grelha, abrindo conexões com sistemas diagramáticos de visualização, como mapas ou gráficos. O 'gesto' enquanto possibilidade de introduzir variação e diferença em cada instante, mas também como expressão individual.

Finalmente, a iconografia desta exposição é centrada em formas de processos naturais, desde reflexos de água, sombras de folhagem,

linhas de água e movimentos de animais. Uma natureza que não se apreende pelas suas formas objetivas — árvores, montanhas e animais — mas pelas suas manifestações evasivas e mutáveis. Esta é uma exposição sobre experiências de observação da natureza, onde se pretende captar pelo fluxo do desenho, uma corrente que segue latente sob as aparências imediatas captadas pelo olhar.

CONSTRUÇÃO

Em várias séries do trabalho de Cláudia Amandi é evidente o processo de junção e manuseamento de materiais e superfícies, levando o espectador a pensar no desenho como objeto material, de algum modo fabricado. Essa 'fabricação' torna-se assim um foco de atenção mas também uma maneira da superfície se desdobrar em diferentes planos. Desde logo pelo dispositivo habitual da montagem modular, mas especialmente pelo recurso a suportes sobrepostos em camadas, tiras e fragmentos. A possibilidade de movimento e deslocação sugerida nestas operações de colagem e adição suscita uma certa ideia de escultura, mas sem passar o limite da parede.

Os desenhos/construções partem de uma reflexão sobre como o processo se desenvolve a partir das condições impostas pelo material, pelas suas características físicas e visuais. A escolha dos materiais e as relações definidas entre si marcam o sistema de construção de modo que a percepção do trabalho não se abstraia da sua natureza sólida e substancial. Mais uma vez, retoma-se uma certa ideia de escultura, de um objeto ou corpo mediador de dinâmicas físicas. Nesse sentido, em *Reflexos (Árvores)*, a regularidade rítmica do grafismo disperso em tiras é acompanhada por uma sugestão de impermanência. Apesar de fixas e estáveis, as tiras de papel sugerem um jogo de união variável, uma presença eventualmente fugaz antes de outras combinações possíveis. A construção de um objeto transitório que se vai alterando nas possíveis associações, como no contexto de um jogo.

O conjunto *Afluentes* consiste numa sobreposição de duas folhas de papel, onde a folha superior se encontra furada segundo um padrão de formas abstratas, mas alusivas a uma grelha. As manchas colocadas sem um sentido formal imediato passam a tinta para a superfície inferior através dos furos, criando uma segunda imagem, um duplo filtrado pelo padrão de

círculos. A folha inferior assimila as manchas, já sob a forma de uma grelha regularizada como o resultado de um código gráfico. O processo alude a uma passagem, ou uma 'infiltração' como a água penetrando em camadas abaixo. A referência a uma estratificação do solo é visualmente complementada pela iconografia das manchas lembrando o mapa de um delta do rio, ou de um conjunto de afluentes. Fluxos e infiltrações que aludem ao movimento de uma corrente, mas também que mudam impercetivelmente a forma das coisas. Do ponto de vista material, *Afluentes* assume a dimensão construtiva onde as superfícies separadas compõem um objeto físico, ainda que essencialmente plano. Essa materialidade é reforçada pelos furos, mas sobretudo pela reação do papel à água da tinta. As folhas ficam rugosas e o seu relevo acentua a dimensão física irregular.

REPETIÇÃO

Quase todas as séries desta exposição dependem de processos de repetição. Existe em cada caso a definição de um momento gráfico que se vai reproduzindo e modelando até atingir uma escala onde cada um desses momentos se dilui numa síntese temporal e espacial, no qual um único campo é percebido durante uma quantidade específica de tempo. Essa é a experiência de percepção de um desenho ou imagem. Não é possível abstrair-se da unidade individual, mas do conjunto dessas unidades emerge uma presença mais ampla e autónoma. Nessa repetição, trata-se da essência do processo gráfico: juntar marcas até obter uma imagem ou uma unidade global. Mas no caso destes trabalhos de Cláudia Amandi, esse processo desvia-se ligeiramente para uma outra direção onde a unidade global é decomposta em módulos intermutáveis e onde não se perde a noção da marca como protagonista do processo percetivo do espectador. Consequentemente a síntese temporal e espacial fica suspensa num desenlace onde a imagem não é apenas uma presença frontal ao espectador, mas funciona como um ecrã onde se parecem deslocar superfícies numa segunda repetição de formas, de campos de sombra, luz e texturas.

A série *Estratigráfico* remete para a ideia de sobreposição de camadas de solo, de 'stratas' de sedimento. O desenho resulta da junção de pequenos traços efetuados com uma caneta já gastas. As variações ondulatórias

suscitam amostras de cortes de um terreno, numa sucessão interrompida. Mais do que ver imagens que se instalam frontalmente ao observador, sente-se uma deslocação da superfície como um desenrolar contínuo da imagem.

ESCRITA

A regularidade das grelhas é uma solução adotada frequentemente nos desenhos de Cláudia Amandi. Retomando o processo e a marca visual de *Desenhos Vazios* (2006), *Reflexos*, (*Água*), *Homenagem a Ellsworth Kelly*, é uma série de desenhos onde se estabelece uma forma de escrita, pela repetição das marcas numa ordem deliberadamente pautada, segundo linhas imaginadas. A repetição segue uma ordem de registo notacional com pausas e silêncios. Tomando também outros trabalhos como referência, esta sugestão de uma escrita incompreensível toma o valor e a presença do texto enquanto registo de algo que se pretende inscrever na memória coletiva. À distância, *Reflexos*, parece formado por páginas de um livro, mas o seu conteúdo permanece como algo ainda por revelar.

Vários autores procuram nesta solução gráfica uma síntese entre imagem e texto, pela organização específica das marcas na escrita. Cláudia Amandi dispensa o desenho ou sugestão do gesto da letra, mas preserva da escrita a sua cadência rítmica, evidenciando a imagem do texto, ou seja, a mancha sugestiva de letras e palavras. Este desenho tem a referência de um pequeno estudo de Ellsworth Kelly, "Light Reflections on Water". A série *Reflexos (Água)* está assim associada a uma experiência visual, mas também a uma reminiscência intermitente, uma memória feita de intervalos, ligações e apagamentos, sons e silêncios. A sua organização é a de uma linha contínua, discreta (marcada por espaços). É nessa aparência visual que se assume um parentesco com a escrita, que decorre neste caso de movimentos involuntários, alheados da vontade. Tal como no estudo de Ellsworth Kelly, curtos traços levemente oblíquos são alinhados em banda e a relação destes estudos com a realidade depende de uma necessidade representacional em referência a um fenómeno ótico e natural. Imaginando a cintilação dos reflexos descobre-se uma interminável sucessão de pontos de luz a ligar e a desligar como sinais de informação em um discurso interior à frequência de ruído branco, intermitência incessante. Como é comum nas séries de Cláudia Amandi,

a disposição modular dos desenhos sugere um processo em aberto e não concluído. Os desenhos funcionam assim como uma transcrição de milhares de cintilações, um segmento como amostra de um processo contínuo. Esse modelo de registo associado à escrita prolonga-se nas séries *Superfícies (Brilhos)* onde os sinais se juntam em grupos como uma mancha de texto, sugerindo no espetador essa ideia do código e escrita.

GESTO

A série *Sopro (Homenagem à série Cenas do Dilúvio de Leonardo da Vinci)* evoca também o estudo de Leonardo da Vinci sobre o movimento conturbado das águas, numa sucessão de espirais revoltas. Esse estudo tornou-se uma referência essencial do desenho, questionando o limite da visibilidade e da imaginação. Essas imagens representam fielmente um fenómeno natural ou são parcialmente imaginadas? A partir dessa imagem de espirais, Cláudia Amandi propõe variações sobre esse estudo, sublinhando a sua dimensão gestual, ou seja, o movimento circular nas suas múltiplas variantes. A relação entre a o gesto efetivo e a ideia que precede o movimento assume-se como uma apreciação por vezes crítica. A execução do desenho revela como apesar de aparentemente repetitivo, cada série de espirais demora algum tempo a adquirir o ritmo do conjunto. Após cada interrupção, torna-se necessário adequar o movimento até encontrar a forma anterior, reaprendendo o gesto executado inicialmente. Este episódio demonstra a complexidade do processo de repetição, como se cada etapa deste trabalho adotasse espontaneamente uma identidade diferente que difere se afasta em relação a etapas anteriores.

Ainda no domínio do movimento, o conjunto *Voltar Atrás* não resulta do sistema modular habitual. Assumindo também uma estratégia de construção, compõe três superfícies em orientações variáveis, onde se ensaiam movimentos curvos do traço, como enxames ou cardumes. Retoma-se neste trabalho os motivos anteriores como *Revoada* (2014/15), na sugestão de grupos em deslocação espiralada ou em torno de si próprios.

A escultura *Seda* é única peça verdadeiramente tridimensional na exposição e resume o compromisso entre o desenho e a escultura. Mas como processo construtivo, Cláudia

Amandi serve-se da força magnética de ímãs no centro onde se coloca um aglomerado de alfinetes em movimento de turbilhão, controlado sob o efeito protetor de uma campânula de vidro.

NATUREZA

Pelos títulos dos desenhos e referências, o espectador é colocado numa experiência de contemplação da natureza. As imagens resultam de uma observação de efeitos de luz, do vento ou do registo de sombras e reflexos. No entanto, essa observação não se detém nas figuras de árvores ou nuvens, mas em superfícies abstraídas de um contorno ou de uma forma concreta isolada. São extensões de folhagens, água, reflexos em paredes, gotas de chuva e texturas alusivas a efeitos óticos, meteorológicos ou geológicos. Aqui parece ecoar o verso "Heráclito" de Jorge Luís Borges: "Que rio é este que corre no Ganges?". Por outras palavras, este conjunto de desenhos refere uma natureza que vemos e tomamos como real ou fechada, mas que flui incessantemente como uma força da qual apenas apreendemos sinais codificados, manchas e intermitências. É dessa aproximação ao objeto onde o rio se torna reflexo, ou a árvore se tornam sombras de folhagem, que estes desenhos mostram uma natureza que ainda é imagem, mas onde já não se revelam figuras e nomes reconhecíveis. Como ver as gotas de chuva no vidro? Ou os grãos de areia no chão e o movimento dos insetos na parede? Essa experiência de observação desloca a percepção dos objetos para processos onde não é possível decidir limites. Sim, conhecemos o Ganges, conhecemos as margens do rio, mas o que realmente sabemos sobre a sua corrente, sobre a água que nele corre?